

6

Considerações Finais

Inquietada com a ausência de práticas e de pesquisas que contemplem a temática da produção e do ensino do teatro para crianças com deficiência, propus esta pesquisa objetivando refletir sobre o trabalho realizado pelo Projeto Pátio da Fantasia, do qual fui integrante.

As perguntas que mobilizaram essa pesquisa foram:

- 1) *Como o Projeto Pátio da Fantasia elaborou produções artísticas de natureza teatral tendo como princípio poético o respeito às diferenças das crianças e das crianças com deficiência?*
- 2) *Com quais limitações e possibilidades essas produções artísticas se depararam?*
- 3) *Que recomendações as experiências realizadas nos deixaram como contribuição para futuros trabalhos com esse público?*

Pensando a partir da perspectiva estética, defini meu olhar investigativo recortando a categoria de análise escolhida em duas partes. A finalidade foi perceber como o Projeto Pátio da Fantasia criou produções teatrais que respeitassem às diferenças das crianças e das crianças com deficiência.

Os resultados obtidos no processo investigativo apontaram que o Pátio buscou respeitar as crianças considerando as diferenças que as constituem como sujeitos que estão numa determinada fase da vida, portanto, os aspectos que dizem respeito aos seus processos de desenvolvimento psicológico e cognitivo. Em relação às crianças com deficiência esse respeito se deu a partir da consideração de suas diferenças físicas, sensoriais e/ou mentais. A forma encontrada para dar concretude a esse respeito foi: em relação às crianças, a construção de uma linguagem apropriada para o entendimento e a fruição estética delas. Quanto às crianças com deficiência, tudo que foi produzido, dramatúrgica e cenicamente, visou atender as necessidades físicas, sensoriais e/ou mentais desses indivíduos. Além e a partir dessas adaptações houve também uma tentativa de busca de re-significações a respeito das alteridades deficientes.

Em relação às crianças em situação de hospitalização, além dos aspectos acima citados, foram considerados alguns cuidados relativos à saúde dessas crianças e aos limites e possibilidades oferecidas no ambiente hospitalar.

Baseada nas diferenças concernentes às fases da vida que constituem as crianças e às necessidades físicas, sensoriais e/ou mentais das crianças com deficiência, a equipe do Pátio criou quadros teatrais que levassem em consideração: os modos de compreensão e de fruição estética das crianças; as fases de seu desenvolvimento psicológico e cognitivo; e suas diferenças físicas, sensoriais e/ou mentais. Portanto, as abordagens defendidas estavam fortemente baseadas nas compreensões biológicas das diferenças das crianças e das crianças com deficiência. Este enquadramento resultou, por vezes, na limitação da criança à idéia de criança como sujeito subserviente às contingências que definem as fases de seu desenvolvimento e à idéia de criança com deficiência como um sujeito que se restringe à própria deficiência. Esmiuçando um pouco mais, o que se deu foi: a pouca compreensão da criança como um sujeito social, influenciado pela cultura e pelo contexto histórico, social, político e econômico em que vive. Em relação às crianças com deficiência, também houve uma particular não consideração desses sujeitos como sujeitos sócio-político-culturais. A esse respeito Skliar diz:

“A alteridade deficiente raras vezes é vista como pertencendo a uma nação, sendo cidadão e sujeitos políticos, articulando-se em movimentos sociais, possuidores de sexualidade, religião, etnia, classe social, idade, gênero e atores/produtores de narrativas próprias” (1999, p. 16).

O Pátio da Fantasia, em suas ações, tentou sorver algumas das identidades citadas pelo autor acima e isso se deu mais precisamente quando seus quadros teatrais estavam à disposição das crianças. Como os quadros eram abertos à intervenção criadora de quem o apreciasse, as próprias pessoas tinham a chance de se narrar, mostrando assim outras identidades que também as constituíam como sujeitos. Ou seja, as intenções primeiras do Projeto não compreendiam, plenamente, as crianças como sujeitos sócio-culturais. Mas durante as suas ações esse posicionamento precisou ser reconsiderado, visto que o Projeto do Pátio abria espaço para as crianças, sendo estas deficientes ou não, se narrarem. Ao narrarem-se, as crianças mostravam que estavam imbuídas de outros determinantes, tais como: os sócio-culturais, os econômicos, os políticos, os históricos, etc. O resultado dessa experiência foi o encontro mais aprofundado entre sujeitos

diferentes. Foi, principalmente, um encontro onde o respeito aos modos de ser e de existir das alteridades deficientes, minorias historicamente discriminadas e pejorativamente narradas pelos padrões hegemônicos de normalidade, pôde ser minimamente vivenciado.

As reflexões analíticas desta pesquisa apontaram que uma das grandes dificuldades encontradas pelo Pátio da Fantasia foi o enfrentamento dos participantes deste Projeto com os seus próprios preconceitos em relação à diferença deficiente. Nas falas de quase todos os ex-integrantes do Pátio, houve grande recorrência de depoimentos que sinalizaram esse preconceito. Mas, ao mesmo tempo, essas mesmas falas também sinalizaram o processo de mudança de concepção a respeito do outro deficiente ao longo do período de trabalho dentro do Projeto. Algumas posturas preconceituosas e limitantes sobre as alteridades deficientes foram desestabilizadas. Digo desestabilizadas porque não foram desfeitas por completo. Isso implicaria um processo maior e mais aprofundado, um processo que demandaria mais tempo e mais trocas entre os sujeitos diferentes para que os estigmas pejorativos fossem paulatinamente diluídos, provocando assim uma verdadeira mudança de postura, tanto nos sujeitos que propuseram e concretizaram as ações do Projeto estudado, quanto nos sujeitos que vivenciaram essas mesmas ações.

Tentando entender as ações do Pátio da Fantasia e aproximá-las do campo da Pedagogia, inseri em minhas reflexões os pressupostos da Pedagogia da Diferença. Percebi aproximações entre alguns aspectos da referida Pedagogia e as ações empreendidas pelo Projeto do Pátio, porque este último:

- 1) Buscou reconhecer as diferenças das crianças e das crianças com deficiência.
- 2) Concebeu suas ações e estratégias metodológicas de trabalho para que os produtos e processos de arte criados respaldassem e fizessem sentido para o público a que se destinavam.
- 3) Buscou favorecer o processo inclusivo das pessoas com deficiência no âmbito escolar através da arte. Para tanto, considerava as pessoas com deficiência como sujeitos de conhecimentos, de saberes, de trocas e, principalmente, como sujeitos criadores.

- 4) Tentou encontrar meios para lutar contra a indiferença e o não reconhecimento das crianças com deficiência dentro do campo da produção teatral para crianças, com o intuito de favorecer a democratização da arte e de seu ensino para todos, respeitando as diferenças.
- 5) Intencionou desestabilizar representações discriminatórias em relação ao indivíduo com deficiência.
- 6) Entendia que seus produtos artísticos não estavam terminados enquanto concepção cênica. Ou seja, que a encenação de seus quadros teatrais poderia ser modificada, principalmente se essas modificações (que buscavam atender às necessidades das crianças) fossem sugeridas pelos sujeitos com os quais o Projeto estudado lidava. Essa estratégia intencionava afinar a qualidade dos produtos criados a partir da recepção das crianças, isso resultava na diminuição da distância adulto/criança e na diminuição das idéias limitadoras e equivocadas sobre as alteridades deficientes.

As mudanças de posturas, provocadas pelo Pátio nos sujeitos que trabalhavam no Projeto e nos sujeitos (pais e professores de crianças com deficiência) que assistiram as apresentações dos quadros teatrais, são importantes e significativas. Mas estas posturas precisam, a todo o momento, ser colocadas em cheque, com o intuito de alcançar olhares cada vez menos discriminatórios diante das diferenças das pessoas com deficiência.

Problematizar as diversas representações sociais impostas às alteridades deficientes ao longo da história, e buscar considerar os conceitos de deficiência como diferença implica o novo desafio a ser ultrapassado pelo trabalho de criação e produção de espetáculos teatrais que recebam em suas platéias crianças com deficiência. Sejam quais forem as diferenças das crianças, é preciso entendê-las de forma ampla, considerando que essas diferenças constituem identidades e culturas e que têm dimensões políticas.

Segundo Skliar as diferenças:

“Não são uma obviedade cultural nem uma marca de ‘pluralidade’, constroem-se histórica, social e politicamente, não podendo caracterizar-se como totalidades fixas, essenciais e inalteráveis; as diferenças são sempre

diferenças, não devem ser entendidas como um estado não desejável, impróprio, de algo que cedo ou tarde voltará à normalidade; dentro de uma cultura devem ser defendidas como diferenças políticas – não simplesmente como diferenças formais, textuais e lingüísticas; ainda que vistas como totalidades ou colocadas em relação a outras diferenças, não são facilmente permeáveis nem perdem de vista suas próprias fronteiras; existem independentemente da autorização, da aceitação, do respeito ou da permissão outorgada da normalidade” (1999, p. 23).

Retomando os discursos que emergiram sobre as alteridades deficientes na década de 90, mas sem o anseio de enquadrar as ações do Pátio neles, percebo que as intenções e ações do Pátio da Fantasia se acomodavam no caminho entre a proposta inclusiva e a Pedagogia da Diferença. Nem em um, nem em outro discurso, mas na tensão entre um e outro. O Pátio se aproximava da Pedagogia da Diferença na medida em que concebia todo seu trabalho a partir das necessidades das crianças, sejam elas deficientes ou não, e, principalmente, quando propunha a quebra das concepções binárias normalidade/anormalidade, eficiência/deficiência, etc.. No entanto, também se aproximava da perspectiva inclusiva quando, no início de suas atividades, limitava a compreensão sobre as alteridades, criança e deficiência, às suas diferenças biológicas, e quando defendia e trabalhava em prol da inclusão da pessoa com deficiência na escola regular.

Outro aspecto importante de ser considerado por novas produções teatrais para crianças é não ver a diferença das crianças e a diferença deficiente como uma totalidade homogênea. As crianças, sendo estas cegas, surdas, com deficiência mental, em situação de risco, em situação de hospitalização, etc., não devem ser vistas como totalidades que se resumem ao ser criança, ao ser criança com deficiência ou ao ser criança hospitalizada. Para além desta visão, as crianças devem sempre ser vistas como sujeitos cujo pertencimento a realidades culturais, históricas, sociais, políticas, também as definem como indivíduos de múltiplas identidades (Pinto, 1997; Kramer, 1998; Skliar, 1999; Hall, 2005).

A partir dessas considerações finais, e com a ajuda da empiria, apresento alguns encaminhamentos que, espero, contribuam para o aprofundamento das questões aqui discutidas e possibilitem reflexões em outros contextos com situações semelhantes. Não tenho a pretensão de generalizar os dados produzidos nesta investigação, quero apenas trazer o que foi evidenciado na análise, a fim de levantar hipóteses e indicar caminhos para novos debates.

Pois bem, pensando a partir da lógica de construção de uma poética que respeite as diferenças das crianças e das crianças com deficiência proponho, no campo da produção teatral:

Quanto às idéias

- A idéia de infância deve ser entendida como uma construção social e não como um dado universal, nem natural. Assim como também idéia de deficiência deve ser vista como uma construção social e histórica.
- A(s) infância(s) e as alteridades deficientes são variáveis de análises social, histórica, geográfica, política, etc, não dissociável de outras variáveis, tais como as de gênero, idade, etnia, religião, etc. Elas não compõem totalidades homogêneas.
- As crianças e as alteridades deficientes são e devem ser vistas como seres ativos face ao seu mundo próprio e face à sociedade em que vivem e não como sujeitos passivos das estruturas e processos sociais.

Quanto à forma

- Contemplar as necessidades das crianças no que diz respeito às suas formas de fruir arte, flexibilizando uma abertura nas produções teatrais para possíveis intervenções das crianças na cena.
- Contemplar as necessidades das crianças no que diz respeito à adequação da linguagem cênica aos seus modos de compreender o mundo, que correspondem às fases de seu desenvolvimento psicológico e cognitivo. E levar em consideração as contingências sócio-culturais em que vivem essas mesmas crianças.
- Contemplar as diferenças das crianças com deficiência não só adaptando, mas compondo a encenação em cima de suas necessidades físicas, sensoriais e/ou mentais. Sempre entendendo essas diferenças dentro de seus contextos históricos, políticos e sócio-culturais.
- Compartilhar o processo de concepção cênica com as comunidades de pessoas com deficiência visando trocas de experiências e trocas de olhares diante do que é produzido. Com isso o encontro entre sujeitos diferentes

pode se dar de modo mais aprofundado, favorecendo o resultado das produções teatrais.

Igualmente importante a essas proposições acima dispostas, é o registro daquilo que se produz teatralmente. Encenadores, diretores, atores e produtores de teatro para crianças precisam inserir seus trabalhos em reflexões escritas. Certamente, existem produções teatrais para infância que desenvolvem trabalhos de grande qualidade. Mas isso não é divulgado, senão em programas de espetáculos. Acredito que o registro crítico das produções teatrais para infância poderá mobilizar maiores reflexões, inclusive em âmbito acadêmico, sobre o que se faz no teatro para infância e juventude hoje, possibilitando assim significativas transformações.

As contribuições que trago nesta pesquisa são limitadas e passíveis de questionamentos. Reconheço seus limites e, principalmente, minha circunstância de pesquisadora iniciante. No entanto, falo a partir do lugar da grande ausência de reconhecimento das diferenças (físico-sensoriais, mentais, culturais, sociais, econômicas, etc.) das crianças no campo da produção teatral a elas destinada. Há ainda grandes negações sendo vivenciadas nesse campo, curiosamente num contexto onde muitas discussões (políticas, culturais e sociais) estão sendo realizadas na tentativa de buscar solução para a invisibilidade, já anunciada, de certas diferenças e dos tratamentos discriminatórios dados a elas. Em relação a isto, um hiato abismal sobrevive nas produções teatrais para as crianças.

Nesse sentido, acredito na contribuição que as reflexões aqui apresentadas trazem. Assim como também acredito na importância das ações empreendidas pelo Projeto Pátio da Fantasia. Muitos poréns podem ser apontados a suas práticas, mas não podemos deixar de reconhecer o valor de suas tentativas de reconhecimento de algumas diferenças das crianças e das crianças com deficiência. A urgência de suas ações e a busca de soluções para o problema da discriminação (pensando a partir do campo da arte e da democratização da arte) junto às comunidades escolares, às associações e comunidades de surdos, cegos e de pessoas com deficiência mental, já valida seu mérito. As idéias do Pátio da Fantasia, por si só, já trariam essa validação, mas como esse Projeto, além das idéias, nos apresentou outras contribuições, finalizo meu trabalho de pesquisa retomando a epígrafe apresentada nas primeiras páginas desta dissertação.

Após dez anos desde o início das atividades do Pátio da Fantasia, não se tem conhecimento de nenhuma pesquisa acadêmica que tenha contemplado a questão da produção teatral para crianças nos termos como o trabalho desenvolvido pelo Projeto do Pátio contemplou. Entretanto, ao longo deste período, a necessidade desse tipo de pesquisa não se diluiu, pelo contrário, se faz cada vez mais imprescindível.

O meu reencontro com o Projeto Pátio da Fantasia, foi fortemente motivado pela esperança de ver as suas idéias gerando idéias outras a respeito: da democratização da arte e de seu ensino, discutindo sua acessibilidade para as crianças com deficiência; e das representações limitantes em relação às crianças, e em especial à invisibilidade das crianças com deficiência no campo da Produção Teatral para Infância.

Enquanto arte-educadora e atriz, identidades construídas, também, com a ajuda do Pátio da Fantasia, aproximo minhas esperanças às palavras de Adélia Prado (1975) quando ela diz:

*“Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera”.*